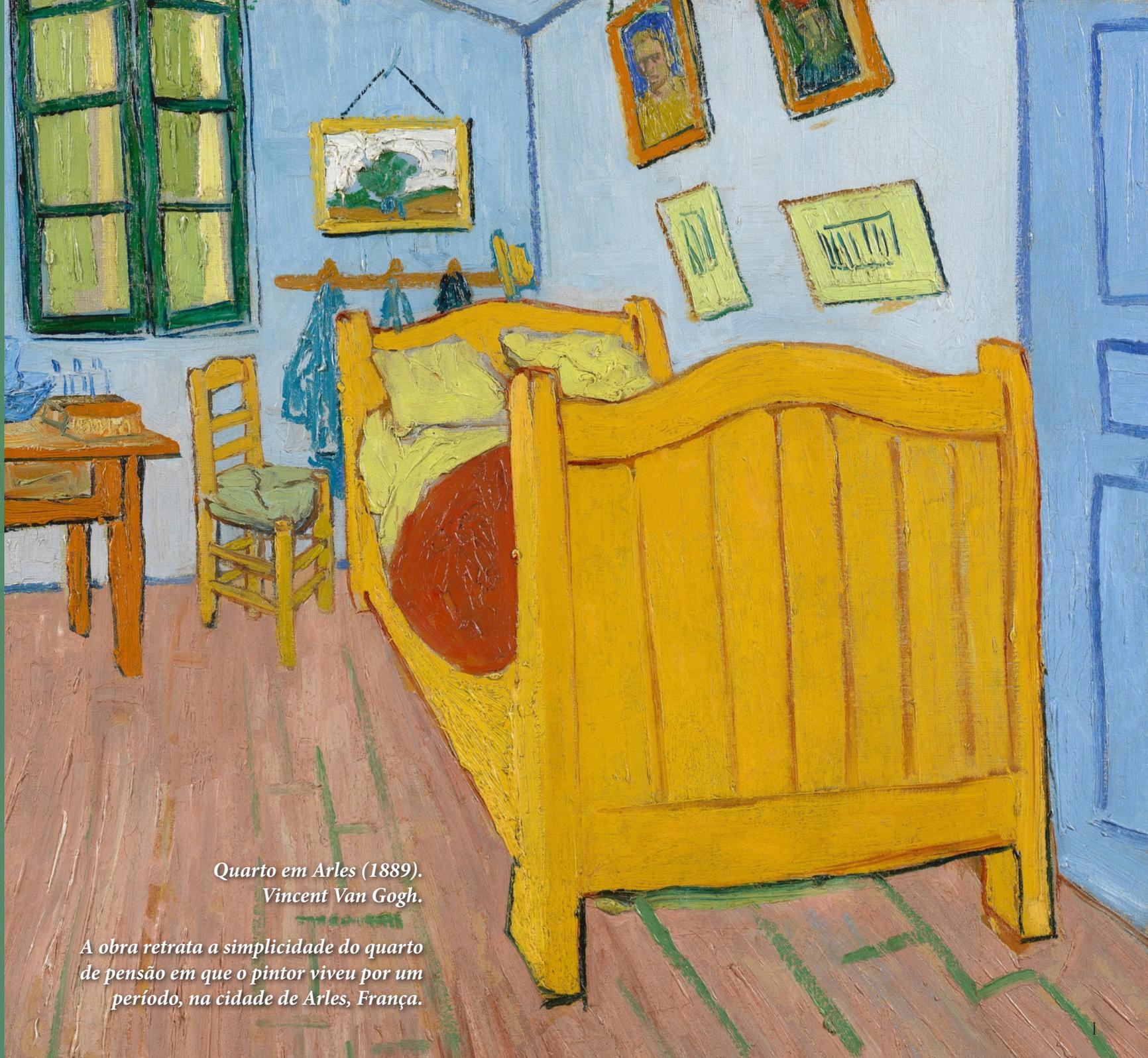


A CASA COMO SÍMBOLO DE CONFORTO

Renata Geraissati
Castro de Almeida

Colaboração
Diógenes Sousa

Arte: Eduardo Grigaitis



*Quarto em Arles (1889).
Vincent Van Gogh.*

*A obra retrata a simplicidade do quarto
de pensão em que o pintor viveu por um
período, na cidade de Arles, França.*



Diretora: Adriana Rizkallah

Em tempos de pandemia causada pelo novo coronavírus, o espaço doméstico ganhou nova dimensão e importância no cotidiano de quem se viu obrigado a um isolamento em seu próprio lar.

Inúmeras notícias atestaram que, em decorrência da transferência do local de trabalho para dentro do lar, muitos resolveram mudar de casa, movimentando assim o mercado de imóveis. O foco dos compradores se centrou especialmente em dois fatores: "espaço" e "conforto" (JORNAL NACIONAL, 2020). Segundo Zanatta (2021), as reformas também ganharam fôlego.

Ao utilizar uma pesquisa realizada pela Archademy, plataforma online de arquitetura, a autora relata que no segmento residencial 50,5% dos pedidos envolveram adaptações para home office, 47,5% abrangeram os espaços de convivência e 21,5% áreas infantis.

2021 também marcou o momento em que a cidade de São Paulo registrou, pela primeira vez, a existência de mais residências em prédios do que em casas, conforme pesquisa do Centro de Estudos da Metrópole (CEM) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Cepid-Fapesp).

É até difícil pensar que a casa não tenha sido, desde sempre, a expressão dos gostos, do estilo de vida, das experiências, e do jeito de ser de seus habitantes. É difícil pensar que a "casa" não tenha sido, desde sempre, o "lar". Mas isso não está assim tão distante dos nossos dias.



Quarto de residência norte americana no início do Séc. XX.

No artigo *Evolução da planta residencial: da Revolução Industrial ao período entre Guerras* (2021), Hana Abdel & Christele Harrouk evidenciam que em função da introdução de novas tecnologias construtivas, materiais e demandas específicas de cada época os programas arquitetônicos são modificados.

Um dos exemplos citados são as casas geminadas da Inglaterra que foram uma resposta à concentração e ao crescimento populacional, sobretudo associados ao contexto da Revolução Industrial, que exigia o êxodo rural de trabalhadores para alimentar as linhas de produção.

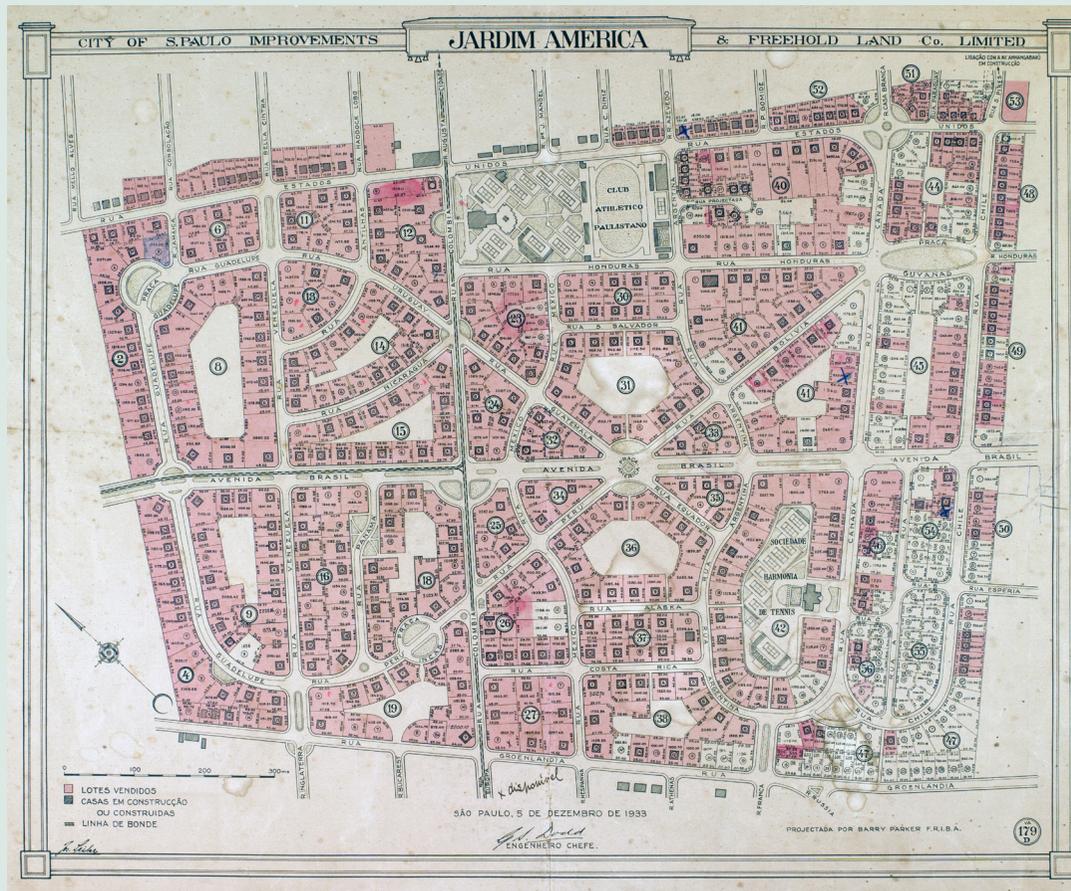
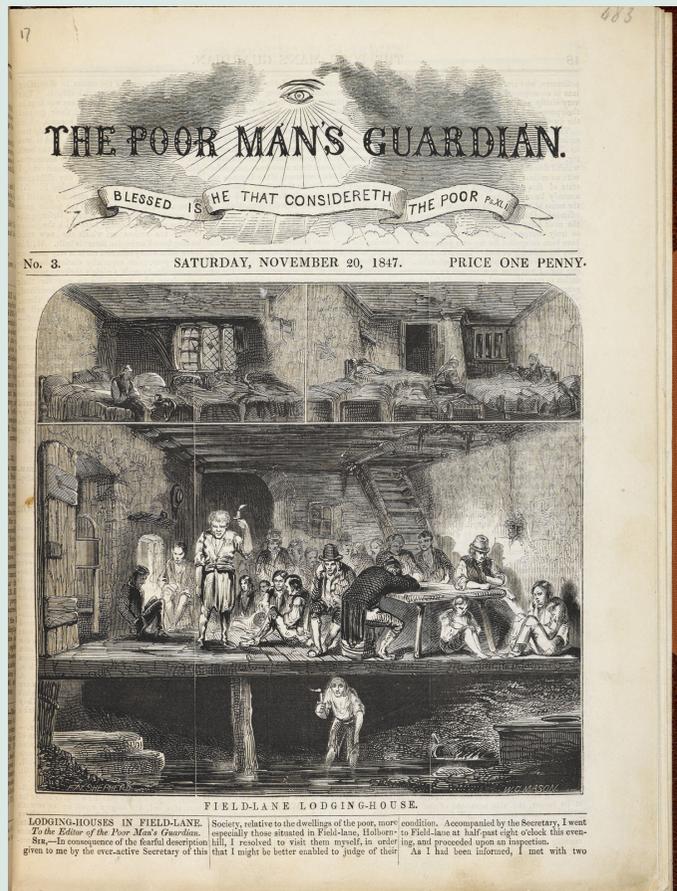
No século XIX, nas cidades industriais do interior e norte do país, e nos bairros operários de Londres, surgiu um conjunto de casas adjacentes com interiores diminutos, normalmente, com quartos individuais com menos de 15m²; cozinha e banheiro no térreo, e um ou dois quartos no primeiro andar.

Em contraposição à uma moradia indigna e sem personalidade, relatada no periódico independente inglês "The Poors Men's Guardian", de 1847, em que retratava a insalubridade das moradias das classes operárias em Londres, o conceito de "Cidades-Jardim" foi implantado no bairro paulistano do Jardim América.

Muitas vezes essas residências abrigavam várias famílias em uma única habitação; a insegurança desses locais fez com que o poder público proibisse sua construção a partir de 1909, e o modelo das cidades-jardim fosse compreendido como uma alternativa possível: "a abertura entre o interior e o exterior através de jardins privados e vistas panorâmicas foi outra consideração que proporcionou conforto aos habitantes".

Este conceito de planejamento urbano também surgiu na Inglaterra como uma tentativa de solução ao crescimento exacerbado e insalubre das cidades pós-Revolução Industrial. Seu criador foi Ebenezer Howard, com o estudo intitulado "Cidades-Jardim do Amanhã".

Tal conceito foi replicado em São Paulo, quando dois discípulos de Howard, Raymond Unwin e Barry Parker vieram para a cidade, por meio da Companhia City, trabalhar no planejamento de bairros como Pacaembu, Jardim América, Alto da Lapa e outros, na região oeste da capital, no início do século passado. O conceito de casas grandes, com áreas verdes no próprio lote, ruas largas e entorno igualmente arborizado se mostrou um sucesso.



O INTERIOR DOMÉSTICO

Os móveis têm formas alongadas, prostradas, enlanguescidas.

Os móveis têm aparência de sonhar; dir-se ia dotados de vida sonâmbula, como o vegetal e o mineral.

Os tecidos falam uma língua muda, como as flores, como os céus, como os sóis que se põem.

O trecho em destaque é parte do poema “O Quarto Duplo”, escrito em 1862 pelo poeta francês Charles Baudelaire, e utilizado por Charles Rice no livro *The Emergence of the Interior* lançado no ano de 2007 como gatilho para refletir sobre o surgimento do espaço doméstico como um conceito.

Rice argumenta que apesar da mobília já existir muito antes do século XIX, é apenas nesse momento que um aparato teórico iria relacionar esses objetos com as ideias de conforto e privacidade, indicando que o interior doméstico poderia ser compreendido como uma experiência espacial.

Assim, os ambientes da casa passaram a ser articulados por meio de decorações em diálogo com a mobília e objetos que fazem referência e representam seu proprietário refletindo uma identidade.

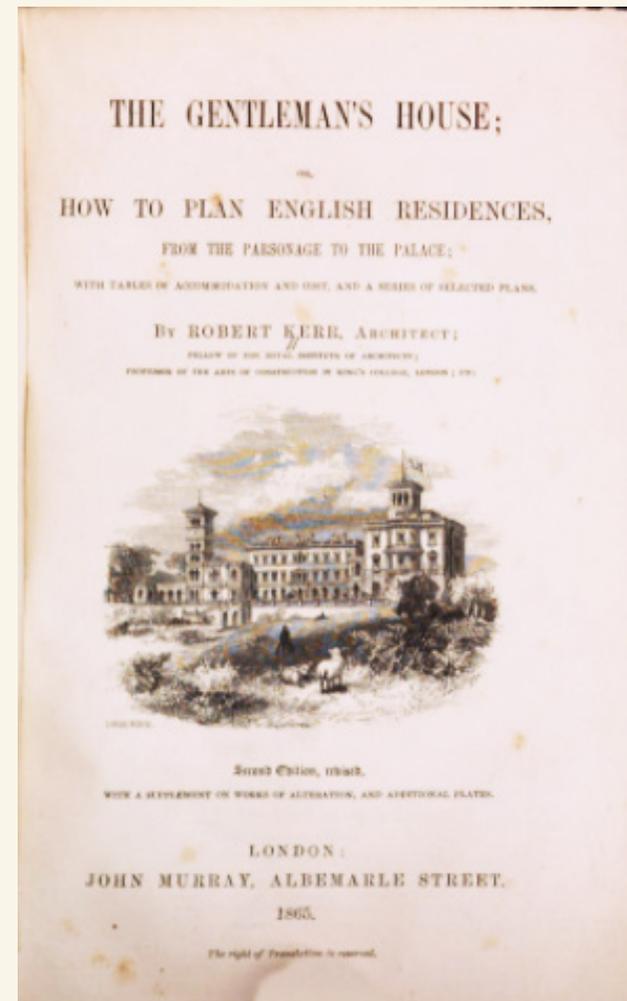
Um dos tratados inaugurais sobre o planejamento dos espaços das residências foi escrito em 1864 por Robert Kerr.

Em *The Gentleman's House: or, How to Plan English Residences, from the Parsonage to the Palace*, a máxima que deveria nortear o processo de construção das residências era que “nenhum espaço deve ser aprovado na planta até que o designer tenha, em sua imaginação, ocupado e se mostrado confortável” (KERR, 1864, p.70).

O arquiteto destacou que as qualidades da casa inglesa daqueles dias eram: conforto tranquilo para a família e convidados, completa conveniência para seu uso doméstico e elegância sem ostentação (KERR, 1864,p.66).

Para atingir tal objetivo, deveriam ser seguidos alguns princípios na elaboração do projeto: privacidade, conforto, conveniência, espaço, compactação, luz e ar, salubridade, perspectiva, alegria, elegância, importância e ornamentação.

O conforto era compreendido como a forma com que cada cômodo da casa, de acordo com sua finalidade, deveria ser satisfatoriamente planejado para esse propósito, indicando como já havia sido incorporada a especialização dos espaços. (KERR, 1864,p.70).



The Gentleman's House. Um manual da casa adequada aos novos padrões de uma sociedade industrial em transformação.

Assim, procurando atender a esses novos hábitos, diversas revistas que tratavam do espaço doméstico proliferavam neste contexto, abordando noções relativas à organização prática dos lares.

Verônica Pimenta Velloso relata que uma série de livros como Housewifery, The American Women Home (1869), ou A Treatise on Domestic Economy for the Use of Young Ladies at Home and at School (1841) aludia ao conforto e à utilidade da casa do ponto de vista de seu usuário.

As publicações se destinavam majoritariamente ao público feminino, representado pelas donas-de-casa, vistas como parte interessada na reorganização racional do espaço doméstico.

Estas publicações recomendavam o posicionamento adequado dos equipamentos e discorriam sobre a invenção de mobiliários específicos como gavetas, armários embutidos, bancadas, além dos novos sistemas de aquecimento e ventilação, e de água encanada.

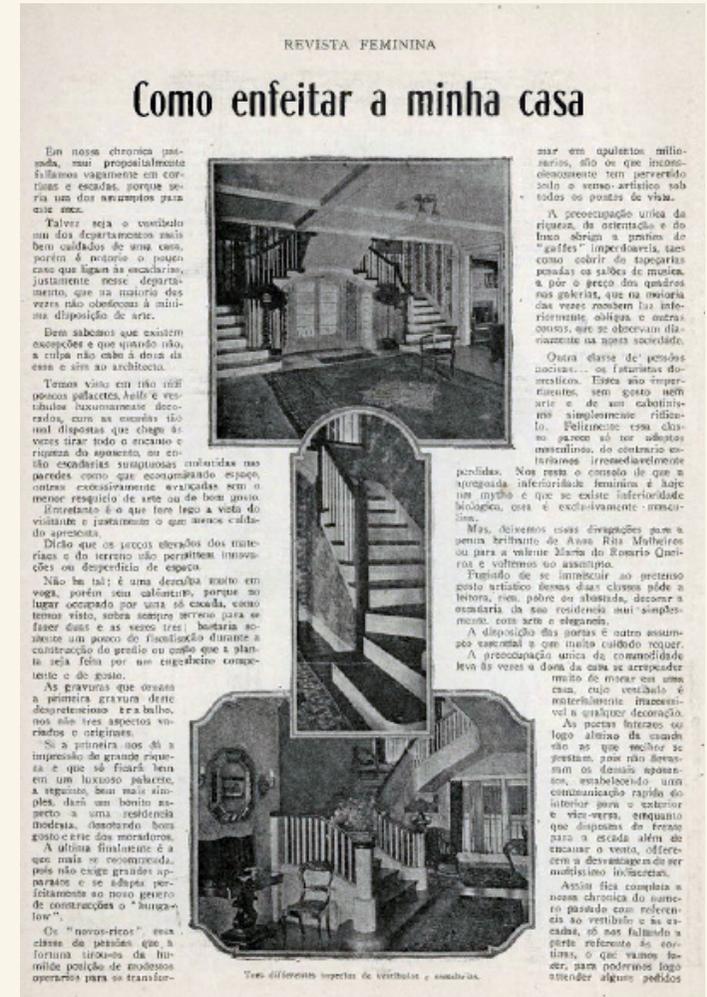
Situação semelhante pode ser observada na Revista Feminina, uma publicação mensal que desde 1913 se colocava como porta-voz dos interesses femininos de então, direcionada especialmente para mulheres das classes média e alta, visando sua integração em uma sociedade cada vez mais urbanizada.

No ano de 1916, eram distribuídos de 15 mil a 20 mil exemplares por uma ampla rede de distribuidores alocados em diversos estados (AZEVEDO, 2020).

Na centésima edição de 1922, na matéria “Como enfeitar minha casa”, o periódico apresentava uma narrativa bastante similar ao livro de Kerr, su-

gerindo às leitoras que até mesmo no espaço das escadas era possível que existisse inovação, sem desperdício de espaço, bastando “somente um pouco de fiscalização durante a construção do prédio ou então que a planta seja feita por um engenheiro competente e de gosto”.

Os editoriais abarcavam uma grande variedade de temas, embora existisse uma predominância de assuntos domésticos e em suas páginas estavam presentes anúncios de magazines como o Mappin e a Casa Alemã, ambos clientes da Casa da Boia.



A estética de uma residência moderna, no início do Séc. XX, era pormenorizadamente tratada em publicações como a “Revista Feminina”. A mulher era a destinatária da mensagem.

É preciso lembrar que era delegado à ela o cuidar do espaço do “lar”, a que a “casa” fora promovida.

Novos costumes e uma nova estética eram difundidas por meio da publicidade, necessária para que novos produtos gerados por uma indústria emergente, passassem a ser objeto de desejo e de consumo.

O momento marcado pela reordenação do espaço urbano, associada aos inúmeros avanços técnicos e as mudanças econômicas e sociais em curso no Séc. XIX para o século XX, refletiram de forma incontestante na reorganização do espaço doméstico.

O investimento das administrações governamentais em serviços como o fornecimento de água, redes de esgoto e iluminação, ansiando pelo processo de “modernização” das cidades, eliminou figuras como os carregadores de água.

Com o sistema de canalização e abastecimento, as usinas elétricas permitiram a transmissão da energia a longas distâncias, promovendo o barateamento de um recurso até então disponível apenas para os que possuíam um gerador próprio, assim, a eletricidade conseguiu suplantar o gás como sistema de iluminação (BRITO; REIS, 2001, p.63).

O período em que a Casa da Boia foi fundada e progressivamente se consolidou foi um momento de disseminação de novos costumes e hábitos que surgiam à medida que se alteravam os princípios de conforto e, em grande medida, foi a base impulsora do interesse geral pela expansão da indústria de eletrodomésticos.

NOVA
maravilha para
sua cozinha

NOVO
conforto para você

Cosmopolita

— criado
para embelezar
seu lar

**LINHA
ITALIANA**



**FORNO COM
VEDAÇÃO
PERFEITA**
Juntas, e juntas, vedadas
nas bordas da porta
impedem a saída de calor
e a entrada de ar frio,
economizando gás.

**MESA
DESMONTÁVEL**
A mesa, assim como as abas
laterais e a grelha superior,
é facilmente desmontável,
facilitando a limpeza. As abas
são removíveis, permitindo
a adaptação do fogão a
cozinhas americanas.

ESTUFA AMPLA
Conserva os alimentos quentes
durante horas. Funciona
conjuntamente com o forno,
sendo que os aromas não
passam de uma para outra peça.

**PUXADORES
ANTITÉRMICOS**
Os puxadores das portas do forno
e da estufa são de latão cromado,
assentados sobre plásticos,
não transportando calor.

*Veja-o
em seu
revendedor*

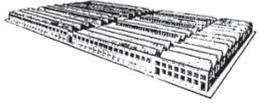
Norma - 22.534

Produzido pela maior indústria de fogões do país

METALÚRGICA PAULISTA S.A.

— 60 anos de experiência técnica —

Rua Sapucaia, 452 — São Paulo — End. Telegr.: "SERGIOPILS"



FOLHA DE S. PAULO — 1.a, 2.a e 3.a edições — Terça-feira, 18 de abril de 1961 — 2.o caderno — Página 3

A publicidade imprime aos itens de conforto, como um hoje prosaico fogão, o status de um item maior do que algo prático, que “agrega” ao lar um valor estético: “uma maravilha para sua cozinha, criado para embelezar o seu lar”, alardeia o anúncio publicado no Jornal Folha de São Paulo, em 1961.

Como resultado deste movimento, ocorreram diversas modificações que se refletiram nas formas de organizar as habitações; surgiam novos postulados sobre quais deveriam ser as condições de salubridade, de ventilação e de luminosidade, etc.

Um exemplo se deu em virtude do uso constante do fogão a gás, que se mostrava uma preocupação cada vez maior com relação à circulação de ar que, por sua vez, demandava o desenvolvimento tecnológico de uma série de novos objetos e materiais.

Witold Rybczynski (1990, p. 168) propõe que “pode-se dizer que o foco passou da sala de visitas para a cozinha, o que foi o motivo por que, quando a eletricidade entrou na casa, foi pela porta da cozinha”.

A nova gama de objetos que surgiram e seus usos decorativos podem ser identificadas em um catálogo contido no acervo da Casa da Boia, produzido na década de 1920, o qual mostra os objetos que eram comercializados no local.

Suas sessões são: artigos sanitários, artigos para vapor, armações para vitrine, artigos para tapeceiro, artigos para carros, balanças, pesos e medidas, artigos para fogões econômicos, artigos para eletricidade, artigos para gás e diversos.

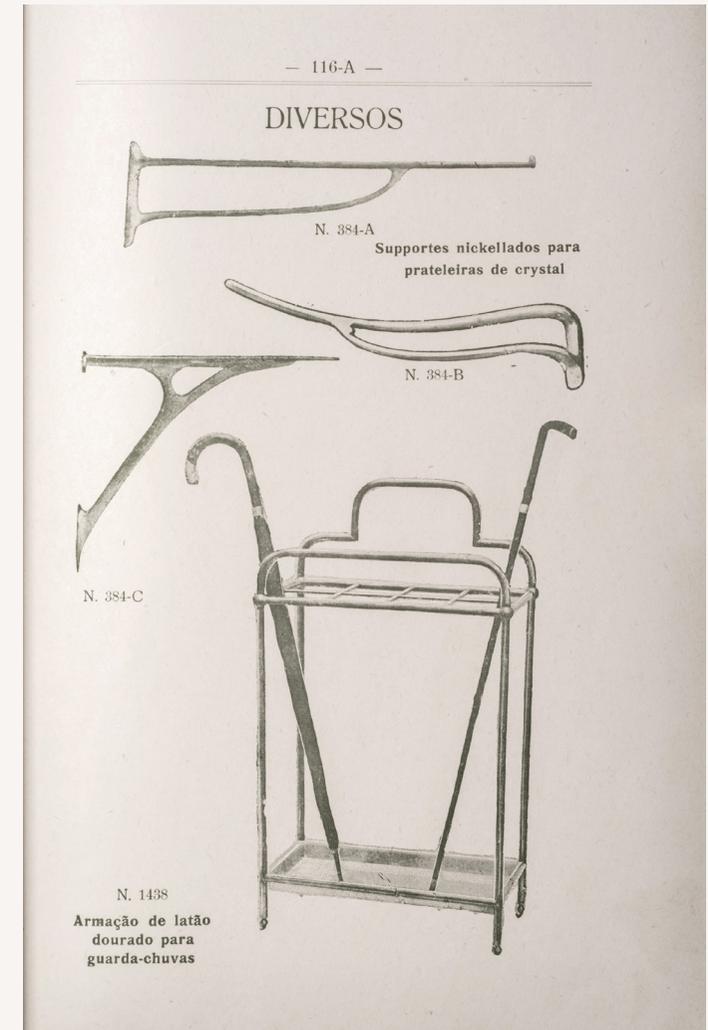
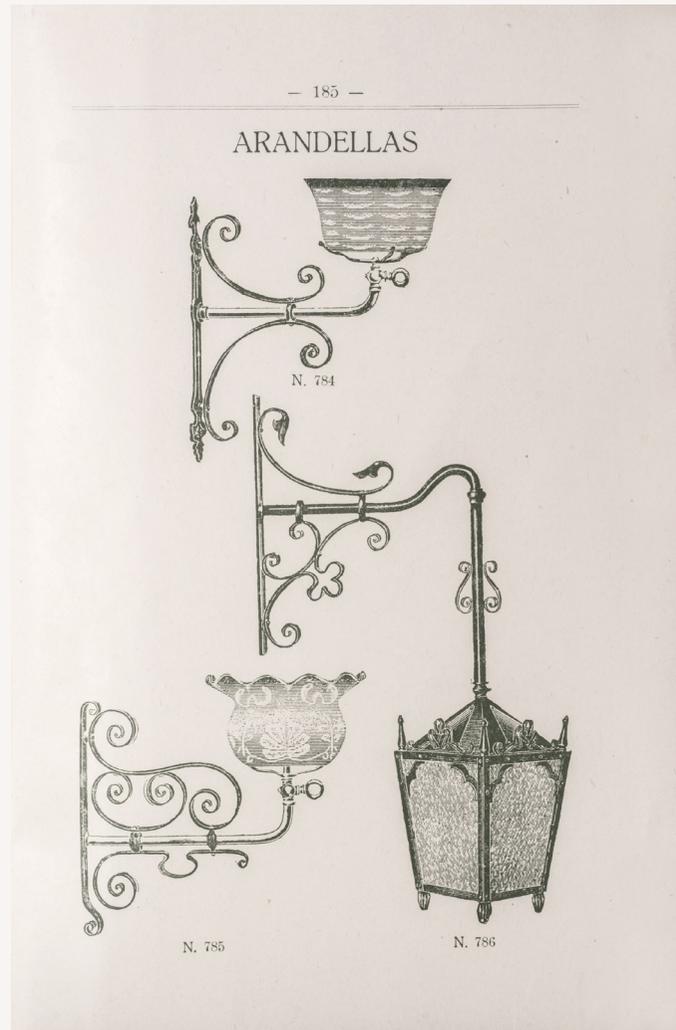
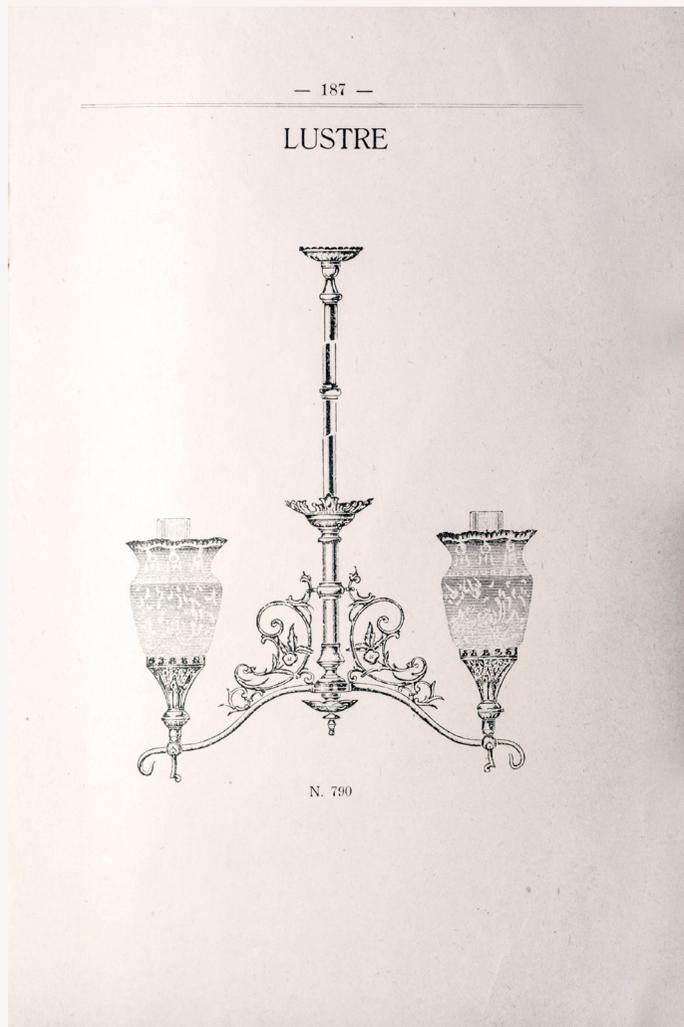
Dentre a variedade de produtos estão: torneiras de pressão, esguichos, grelhas para ralo, caixas de descarga, filtros, bebedouros, chuveiros de cobre,

repuxo para jardim, artigos especiais para vapor, balanças de pesos e medidas, peças para fogões, cantoneiras, maçanetas, lustres, dobradiças, artigos para vitrines, como expositores niquelados e de vidro, armações, prendedores, porta preços, porta colarinhos e camisas, armações para calçados, chapéus, perfumaria, bengala, etc.

Artigos para tapeçaria, como pistões, vareta e chapa para escada, cantos para oleado, braços para cortina grades para escritórios, letreiros para grade e outros diversos, como máquinas para macarrão, pés para móveis, sinos para Igrejas, cinzeiros, ferros para soldar e correntes.

Muitos destes objetos estavam em consonância com questões do período. Veja-se o caso das vitrines. O ato de expor constituía uma estratégia de venda, que poderia ser conjugado a outros, como a distribuição de amostras e brindes. Somam-se a essas táticas, a produção de catálogos, visto que era uma importante forma de circulação dos produtos, tanto entre os mais abastados, quanto para viabilizar as vendas a distância (BARBUY, 2006. p.78).

Páginas do catálogo da Casa da Boia, dos anos 1920 refletem a variedade de itens para o lar. A delicadeza das formas evidenciam a preocupação de dotar os objetos de um sentido estético maior do que o sentido prático de sua natureza original.



Ando pós-modernamente apaixonado pela nova geladeira

Primeira escrava branca que comprei, veio e fez a revolução

Esse eterno feminino do conforto industrial

Injetou-se em minha veia, dei bandeira

E ao por fé nessa deusa gorda da tecnologia gelei de pura emoção...

Portanto, conseguimos perceber que em um curto espaço de tempo a relação dos indivíduos com suas residências mudou de maneira substancial.

Um mudança que não escapa da crítica do poeta cearense Belchior, na música “Balada de Madame Frigidaire” em que exalta a relação quase edípica e freudiana que tem com a sua primeira geladeira, elevando o objeto a um símbolo de dominação do ser pela tecnologia.

A historiadora Maria Luiza Ferreira de Oliveira, apoiando-se em inventários e em iconografia, consegue compreender como era a vida material dos paulistanos no início do século XIX.

Um dos exemplos identificados de um membro dos setores médios da capital é um comerciante

dono de uma taberna na Liberdade que possuía como bens itens: 1 relógio de mesa, 3 mesas, 1 guarda-louças, 3 cadeiras, 1 marquesão e 1 marquesa.

O que permite compreender como aquela ainda era uma sociedade em que havia pouca diversificação de objetos, situação completamente distinta do catálogo comercial produzido pela Casa da Boia.

A autora relata: “tinham onde sentar, onde comer e onde dormir. Além disso, tinham o relógio e o guarda-louça ordinário. Nada mais: nem cômodas, nem louças, nem quadros, nem sofás, nem cadeiras de braço, nada.” (OLIVEIRA, 2005, p. 273).

Ao adentrarmos nos dias de hoje nas dependências da Casa da Boia, na Rua Florêncio de Abreu, 123, somos transportados para uma realidade em



que o ofício artesanal e os objetos por ele gerados, auxiliaram no processo de uma mudança de hábitos cotidianos e de afirmação de personalidade.

A ambientação da loja demonstra o respeito ao passado com a sobreposição de temporalidades que marcam a existência do comércio, expondo os moldes recuperados e maquinários do início do século XX. Ao mesmo tempo produtos à venda indicam a atemporalidade dessas funções. Tanto no início do Séc. XX quanto no XXI necessidade e desejo convivem harmoniosamente e nos mostram o fato de que “casa” e “lar” são hoje conceitos completamente incorporados no nosso dia a dia.

Conforme abordamos no editorial a respeito da água como mercadoria, a implantação de uma rede de abastecimento se impôs como uma necessida-

de (com o fechamento dos chafarizes públicos e a criação de um serviço de abastecimento).

A venda de canos e material hidráulico para possibilitar a instalação dessa infraestrutura se tornou um dos principais produtos comercializados pela Casa da Boia, algo mantido até os dias atuais.

Porém, a gama de itens vendidos também atendeu à época e atende ainda, a outra demanda relacionada ao lar, que extrapola a questão hidráulica, e se relaciona ao anseio de afirmar no ambiente doméstico a personalidade de seus moradores.

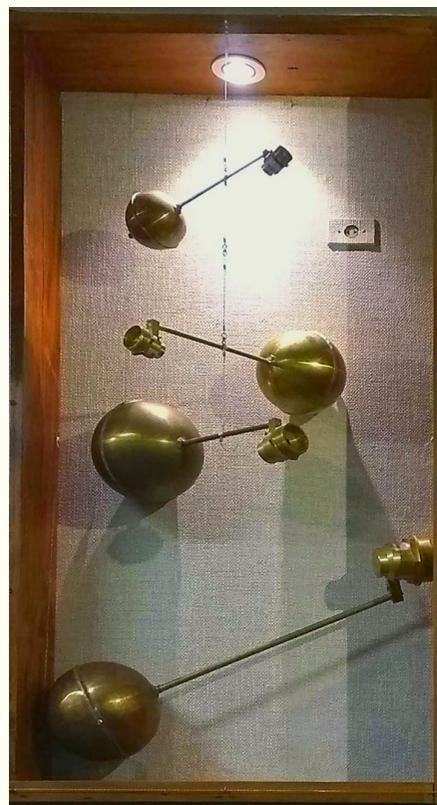
Os utensílios carregam em si não apenas a finalidade para a qual foram pensados e projetados, mas também aspectos estéticos subjetivos que auxiliam na construção de uma identidade para

os espaços em que são colocados, e através de si propiciam a criação de uma representação da personalidade de seus donos.

Unindo tradição e modernidade, o passado e as tecnologias atuais, a Casa da Boia oferece uma experiência que vai além dos produtos comercializados.

Tal qual a dualidade do conceito casa/lar, o espaço da loja reflete algo muito sutil, entre o necessário e o desejável entre fundamental, e a expressão da personalidade.

A trajetória centenária de um casarão preservado, que já foi, literalmente o lar de uma família, hoje muda os olhares daqueles que entram pela grande porta de madeira maciça, costurando uma memória temporal que une os costumes de três épocas.



Desde a concepção, no final do Séc XIX, passando por todas as fases do Séc XX e acompanhando as mudanças do XXI a Casa da Boia foi, é, e será ainda, um espaço que, nascido na efervescência de uma sociedade onde a casa, expressão da individualidade, tomava forma nos costumes, uniu esses dois conceitos desde seu nascimento, chegando a 123 anos em que o espaço é palco para uma visão de futuro, desejos, e resistência de um comércio muito particular, talvez único em sua forma de ser.

Entre o necessário e o desejado, a Casa da Boia se coloca há 123 anos como espaço identitário na metrópole paulistana.

BIBLIOGRAFIA

ABDEL, Hana; HARROUK, Christele. “Evolução da planta residencial: da Revolução Industrial ao período entre Guerras” [Evolution of the House Plan in Europe: from the Industrial Revolution to the Interwar Period] 07 Mai 2021. ArchDaily Brasil. (Trad. Sbeghen Ghisleni, Camila) Acessado 7 Jul 2021. <https://www.archdaily.com.br/br/959529/evolucao-da-planta-residencial-da-revolucao-industrial-ao-periodo-entre-guerras>

AZEVEDO, Maria Silva. A Revista Feminina e a moda em tempos de guerra (1914-1918). *dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda*, v. 14, n. 29, p. 122-143, 3 ago. 2020.

BARBUY, Heloisa Maria S. *Cidade-Exposição: comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914*. São Paulo: Edusp, 2006.

BRITO, Marilza Elizardo; REIS, Solange Balbi Cerveira. *Centro da Memória da Eletricidade no Brasil. A vida cotidiana no Brasil moderno: a energia elétrica e a sociedade brasileira (1880-1930)*. Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2001.

JORNAL NACIONAL. 04 setembro 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/09/04/procura-por-imoveis-maiores-e-mais-confortaveis-cresce-durante-pandemia.ghtml>

KERR, Robert. *The Gentleman’s House, or How to Plan English Residences from the Parsonage to the Palace; with Tables of Accommodation and Cost, and a Series of Selected Plans*. London: John Murray, 1864.

OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. *Entre a casa e o armazém: relações sociais e experiência da urbanização*. São Paulo: Alameda, 2005.

RICE, Charles. *The Emergence of the Interior. Architecture, Modernity, Domesticity*. Routledge: Nova York, 2007.

RYBCZYNSKYI, Witold. *Casa, pequena história de uma ideia*. São Paulo: Record, 1997.

ZANATTA, Bianca. *Com pandemia e home office, brasileiro investe mais na reforma da casa*. Estadão, 18 abril 2021. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/blogs/radar-imobiliario/com-pandemia-e-home-office-brasileiro-investe-mais-na-reforma-da-casa/>



CASA DA BÓIA
METALIS E HIDRÁULICA
DESDE 1898

Diretor: Mario Rizkallah
julho, 2021